JURNALOOFUNDA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: FUNDAO — TELEF. 5 22 11 EDITOR E PROPRIETÁRIO: ANTONIO PAULOURO

DIRECTOR - ANTÓNIO PAULOURO

28.° ANIVERSÁRIO DO «JORNAL DO FUNDÃO»

Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e Cargaleiro

afirmação das enormes potencialidades humanas da Beira Baixa



Abertura da sessão pelo nosso director, que presidiu. A sua direita sentaram-se a Dr. a D. Maria de Lurdes Bártolo, directora do Museu de Arte Contemporânea, o Dr. Raul Rego, director do nosso colega «República» e o ensaista Dr. José Palla e Carmo esquerda o Prof. Stephen Reckert, o escritor Prof. Oscar Lopes e o Dr. António Ruella Ramos, director do nosso colega «Diário de Lisboa».

O QUE FOMOS E SEREMOS

Menos pela comemoração de um aniversário — facto, aliás, relevante no trânsito de um jornal que mas, principalmente, a par-tida para novas fronteiras, fizeram dos 28 anos um claro sinal de regozijo e esperança.

Antes, conviria afirmar o quarto de milhão somos e os mais— tos? — ligados ainda quantos? — ligados ainda às raízes não podem con-formar-se com a visão sim-plista de naturais da terra de A ou B. A Beira Baixa, pese embora a quem su-porta, resignado, tantas porta, resignado, tantas frustrações e fracassos, tem que bonde para afirmar, em vários domínios do pensamento e da acção, ra-ras potencialidades. Como provou. A saudar três compro-

vincianos, hoje os maiores das Letras e das Artes, e dos grandes de sempre, vietos grandes de sempre, vie-ram todos, menos os que, pressurosos a aplaudir efé-meras glórias forjadas, ignoram a obra dos que verdadeiramente engrande-cem esta província e o País

Havia ainda um facto de Havia ainda um facto de enorme importância na vida deste semanário, e a conjunção de tantos factores ganhava a força dos acontecimentos dignos e duradoiros. Tratava-se de digres belavestes dizer, lealmente, serena-mente, ao arripio das con-venções usuais no mundo dos negócios — mas, no trato desta casa, a única via possível — que a nossa equipa fora aumentada no topo, pela primeira vez.

Daí as palavras que no corpo da reportagem se transcrevem, ditas na ses-são de 26.

Não temos a ilusão de supor que esta linear fran-queza cale boatos e insiqueza cale boatos e insi-nuações. Os ignorantes do que foi a vida deste jornal, do que ela viria a ser em face das dificuldades que a face das dificuldades que a cada hora surgem, possi-velmente discordarão da solução escolhida. Adiante. Se amanhã, tolhidos na voragem dos custos, a de-bilidade das receitas nos fizesse tocar a rebate, quantos acudiriam?

Seja como for, a verdade é que ninguém poderá acusar-nos de algum dia termos escamoteado qual-quer dos elementos de in-formação necessários à corapreciação do que

Voluntariamente ciámos a boa nova: Agostinho da Silva, — e não qualquer das empresas de que faz parte — Agostinho da Silva, homem de acção, cuia lealdade não sofre reservas, vai participar na empresa editora que garan-

tirá a vida deste jornal. Dissemos isto, na fidelidade à coerência que al-guns terão por ingénua — e apenas por vontade nose apenas por vontade nos-sa, já que Agostinho da Silva, modestamente, nem sequer desejava tal revela-ção — em defesa do que supomos ser um dever éti-co. Obviamente, a infor-mação deverá começar por aquela que de nós ao leitor se dá

E sendo um dever foi,

homenagem a José Cardo-so Pires, Eugénio de An-drade e Manuel Cargaleiro — naquela hora que era sua, por gratidão da pro-víncia natal: revelar a ver-dade sobre o futuro do «Jornal do Fundão».

Anunciámo-la quando centenas de amigos, alguns de perto, outros chegados após uma jornada longa e incómoda, quiseram dar-nos a alegria da sua pre-

Apesar de tão rasgada franqueza, haverá quem, por gosto ou idiossincrasia, continue a lançar sementes de dúvida? Decerto.

Fica, a esses, o cuidado de aguardarem.

Fazer um jornal é diferente de praticar um negó-cio — de que até se diz que a alma é o segredo. Um a aima e o segredo. Um jornal é os lutas que trava, as questões que aborda ou escamoteia, as p a l a v r as claras ou dúbias que usa, as opções que acolhe ou rejeita.

Daí não temermos o juízo dos que vierem de rec-ta intenção. A posição mo-ral até agora assumida po-de facilmente aferir-se por uma acção que em cada número se afirma ou nega.

E porque esta voluntária tomada de posição, este prestar de contas que nin-guém pediu nos dá plena tranquilidade de consciên-cia, entreguemos ao futuro o julgamento do bom ou mau que fizermos.

Confiadamente.

(52 NÚMEROS) - 90\$00 ASSINATURA ANUAL

UM PROGRAMA DE INFORMAÇÃO **ACTUALIZANTE**

«JORNAL DO FUNDÃO»

- disse JOSÉ CARDOSO PIRES

Eugénio de Andrade e Manuel Cargaleiro impuseram-me procuração para falar do nosso comum reconhecimento a António Paulouro e a todos os presentes por esta oportunidade de convivio, Para agradecer
à dr.* Maria de Lurdes Bártolo, a Óscar Lopes e a
José Palla e Carmo todo o empenho que puseram em
nos lerem aqui, publicamente, para lá da superfície
das formas e da escrita. E já que sou eu a ter a palavra, que ponha aqui um sublinhado pessoal nesta acta
de gratidão, voltando-me para o Prof. Stephen Reckert: ele é para mim um exemplo de independência
pedagógica e de erudição viva e actualizada (insisto:
«viva», «actualizada») no conhecimento das letras portuguesas. tuguesas

tuguesas.

É que o nosso ensino da Literatura anda quase que exclusivamente a passo necrológico, ao contrário do que acontece no Brasil e nos departamentos das universidades estrangeiras. Exaltem-se os mortos e ignorem-se os vivos é a divisa, parece.

Ora, quanto a mim, a ilacção a tirar da presença aqui de Cargaleiro, de Eugénio de Andrade e de outros homens de letras, é que António Paulouro, a pretexto duma geografia cultural, quis exactamente lembrar os vivos, todos os escritores deste pais e desta hora que vivem na tolerância do presente e rodeados de lápides do passado, tão pesadas e tão a esmo. esmo

esmo.

Em boa verdade, pouco interesssa o onde e a maneira como se nasce. Importa muito mais a morte e o modo como a forjámos, vivendo. Eu próprio, da minha terra natal tenho uma definição antiga e simplista: deserto de pedras, padres e pedintes — e uma imagem mais recente: sicilia abandonada, sol a pino, ruas vazias, e a marcar o tempo o martelar dum sapateiro num portal. Aldeia emigrada portanto.

Mas além do berço e da minha ascendência de camponeses radicados para sempre nos Estados Unidos, eu penso que ao nivel cultural também eu, todos nos, escritores, somos emigrantes. Emigrantes por referenciação topográfica e acima de tudo mental: criaturas que procuram romper os limites e as imposições do meio geral para arriscarem a sua aventura privada. Mais: emigrantes de salto, sem passaporte intelectual que lhes abra portagem e que, mesmo assim, sempre vão carreando a sua migalha confiante para uso da pátria madrasta.

Com isto quero dizer que uma terra, uma proprieta esta de salto da com a composições de comitos de comitos de carreando a sua migalha confiante para uso da pátria madrasta.

sempre vão carreando a sua migalha confiante para uso da pátria madrasta.

Com isto quero eu dizer que uma terra, uma provincia, estão por vezes muito longe da madre geográfica. Que a nossa cultura não reside exclusivamente em Lisboa e menos ainda em Coimbra; mas que está ali e onde menos se espera: numa universidade americana ou num clube de provincia, numa cooperativa de emigrados, numa iniciativa talvez frustrada de meia dúzia de isolados. Que a Beira-Baixa não é uma simples designação etnográfica ou administrativa nem um lugar-comum de caciquismo político—longe disso. De muitas maneiras e mais uma é isso que me faz ver o Jornal do Fundão. Descreve-me uma área do meu país, com a sua ambiéncia existencial e a sua equação social mas sem transigir nos bairrismos que alimentam as folhas provincianas e que servem ao impressionismo retérico dos cronistas citadinos. Pelo contrário. Conta, faz a reportagem semanal duma região, mas jamais a amesquinha com as sempre-benvindas aguarelas da pax ruris nem com as enternecedoras modéstias paroquiais. A sua sobriedade é outra, a sua comunhão mais profunda. Encara com persistência e sem arrogâncias, este nó da terra no vector da actualidade do país: naquilo que o seu particular tem de nacional, e depois, de universal. No que há nele de sintomático da realidade comum a nove milhões de cidadãos.

(CONTINUA NA 8.º PÁGINA)

s e m favor poderemos considerar dos mais altos da história cultural da Beira Baixa, assinalaram nos dias 26 e 27, os vinte e oito anos do «Jornal do e oito anos do alornal do Fundão. Se a sessão em que Stephen Reckert, Jo-sé Palla e Carmo, Maria de Lurdes Bártolo e Os-car Lopes falaram de Jo-sé Cardoso Pires, Manuel Cargaleiro e Eugénio de Andrade foi em tudo digna dos propósitos que a determinaram, a exibição do filme «Jaime», quarenta minutos de encan-tamento e emoção, obra do Poeta António Reis, e os convívios, francos e abertos, da ceia e do almoço — em que dialogaram ou se encontraram tantas figuras de primeira plana do País — completaram aquilo a que poderemos chamar a hora fundanense da cultura
rottunues. convivios, francos fundanense portuguesa. «Jornal do Fundão» «Jóm de registar com

Quatro momentos que

além de registar com grande alegria a presen-ça de tantos e tão quali-ficados amigos, sente o legítimo orgulho de verificar que ao fim de vinte e oito anos de trabalho, prémio maior e mais esti-mável não poderia ter.

A SESSÃO

Abriu a sessão o nosso director, que disse:

Abriu a sessão o nosso director, que disse:

«Há vinte e oito anos, quando as esperanças de fundar um jornal morriam ana, a grandeza do cometimento aconselhava a procura de deuses tutelares que não podiam deixar de ser conterrânces ilustres. Um verso de Gil Vicente e Cal sou da fo Fundão, somado à simpatia das figuras que o Mestre fez daqui naturais, foram estimulo para a esconha do preciso dizer a impatina do preciso dizer a impatina do preciso dizer a impatina de preciso

CONTINUA NA 2.º PÁGINA



Aspecto parcial da assistência à sessão do dia 26 no Cine-Teatro Gardunha

SÓ A PLURALIDADE DE OPINIÕES É CAPAZ DE FECUNDAR AS MARGENS



A mesa da presidência, quando falava o Dr. Palla e Carmo

COMINUAÇÃO DA 1.º FAGINA) façanhudo barão destes termos para nos emprestar o pendão de combate, logo num dos primeiros números, por sugestão do inesquecivel Virgillo Couto, José Pedro Machado relvindicava a lugar das Beiras, do poeta Airas Peras Vuitirom. Mas a tese, se foi, parece ter morrido. Tivemos de romper caminho de quaiquer sorte e só muito mais tarde soubemos de Mumaradamente lhe pedimos colaboração que não tardou. Eugénio de Andrade mandou-nos um poema indito, Serenata.

bondade, um céu de campo

Tempos depois nascia, com Cardoso Pires, uma amizade que o tempo tem enraizado. Lembro comovidamente o seu artigo «A Margem, uma vez mais», aquan-

do da morte de José Régio, sério aviso aos que aproveitam o prestigio dos mortos para fins de propaganda ideológica.

De Manuel Cargaleiro soubemos muito mais tarde, através mortos para fins de propaganda ideológica.

De Manuel Cargaleiro soubemos muito mais tarde, através consendados de la composition de la composit

na vida cutural do País.

Seria contudo grave omissão
não dizer aqui outros nomes.

Muito nos surpreende que tantas
vezes, aos beirões da Beira Baixa
inevitavelmente nos reconheçam

a o Dr. Palla e Carmo

com o que julgam ser, porventura, um elegito: «Oh, sim, a
terra de João Francos ou então
eBem sei a terra de Cunha
Leal₂... Nada temos contra estes
dois politicos mas parece-nos
descabido reduzir-nos a tais proproções, confinar todos os valores no passado de dois homeas,
centes e corajeoso mas que, até
pela própria condição das suas
actividades, estão infinitamente
longe de representar tudo quanto
faz a Beira Baixa. Eugénio de
Andrade, José Cardoso Pires,
Manuel Cargaleiro mostram, na
diversidade das suas obras, algumande que a Beira Baixa
é também.

E não só, Há que referir, embora sem lhes avaliar o a eleance
e a projecção, que em muitos
casos é verdadeiramente nacional e até em alguns ultrapassou
as fronteiras, por exemplo o sociólogo e historiador José Lopes
Dias e José Alves Monteiro, os
poetas Ernesto Manuel de Melo
C Castro, António Salvado, Raul
Moreira de Andrade, José Rogério Mineiro Carrola, João Ca-

milo e João Maia. O arqueólogo D. Fernando de Almeida. Os ensaistas Arnaldo Saraiva, José Afonso Sanaches de Carvalho, Rolão Preto, José Vasco Mendes de Matos e José Narino de Campos. Os dramaturgos Vicente Sanches e Mendes de Carvalho. Nas Cléncias Juridicas o corros escritor Antônic Alçada Baytista. Os romancistas José Marmelo e Silva, Manuel da Silva Ramos, Leal do Zézere. Os investigadores de Cidro de Carvalho. Santos e Cruz e Silva. O historiador Manuel Antunes. O ensanto e Cruz e Silva. O historiador Manuel Antunes. O ensantos e Cruz e Silva. O politora Manuel Antunes. O ensantos e Cruz e Silva. O politora Manuel Antunes. O ensantos e Cruz e Silva. O politora Manuel Antunes. O ensantos e Cruz e Silva. O politora Manuel Antunes. O ensantos e Cruz e Silva. O politora Manuel Antunes. O ensantos e Cruz e Silva. O politora Manuel Antunes. O ensantos e Carvalho. Esta relação, obviamente incompleta, dá todavia uma ideia de quem são e do que representam, para só faiar dos vivos. Que as potencialidades humanas da Beira Baixa estão longe de poder ser aferidas em tão breve inventário. No Jornal do Fundão de hoje vem o caso espantoso de Jaime

- DISSE O NOSSO DIRECTOR

Fernandes, modesto trabalhador rural da vizinha aldeia do Barcor rural da vizinha aldeia do Barcor and control de la control de

intelectuais longe da aldela nala fundaram verdadeiras dinastias, por exemplo José Saraiva
Ocassiano Maria de Oliveira.
Dois entre centenas, cujos filhos
entre centenas, cujos filhos
entre centenas, cujos filhos
entre controles percentenas
entre popore, decerto. Mas a
análise desta aparentemente veradeira afirmação levar-nos-la
longe. E não é este o lugar.
A emigração, a estrutura fundiária, a falta de escolas, (agora
elizmente a diminuri), mostramcentral de deservadas de discoladores de los deservadas
entre de deservada de deservada de la
central de deservada de la
central de deservada de la
central de de la
central de la
centr

Em contraste, aqui tudo é sin-

de uma resignação que se tem recusado a romper as velhas transitudos de la competa de

(CONTINUA NA 9.º PAGINA)

PROF. STEPHEN RECKERT:

O GRANDE TRIUNFO DE CARDOSO PIRES - OS RECURSOS DE UMA LINGUAGEM ORIGINAL nar o largo mais só, deixando-o entregue aos vermes que o minam.

Fala Américo Castro, em certa altura, da necessidade do artista vencer pelo crobor de la autorno esta con casto de la contra cont Fala Américo Castro, em certa

cação.

Em todo o caso, o professor, nem que seja apenas no papel ainda mais humilde de artista de variedades, tem igualmente de vencer o «robor» da auto-

jovem escritor cá destas terras, José Cardoso Pires, «Os Cami-nheiros». Ou assim pensava eu mal orientado por uma biblio-grafia, e, depois, corrigido pelo autor, que diz que foi em 49. Passe o erro.

Passe o erro.

Em todo o caso, para mim, e ai vai a reminiscência pessoal. 1946 significa o ano em que protugues. Fol, portugues. Fol, portugu

idela de que estava a sair da sombra.

E lembro-me, agora, da maneira como o José Cardoso Pires inicia o seu maior romance maior até hoje - «O Del-filmida de la cidade de la cidade de la cidade de del de la cidade del cidade de la cidade del cidade de la cidade de la

Assim o enorme paredão fi-gura mais como vulto, fantasma familiar, do que propriamente como muro.»]

amiliar. do que propriamente como nurso, antimismo do que propriamente como nurso, como nurso, se sono se sono

como rounancista.

Primeiro: composição pictórica. O narrador de ronance apresenta-se ja no prefácio em corpo inteiro, como numa fotografia de album. No capítulo segundo começa um quadro que representa dois cáces e um escundeiro, como numa tapeçaria medieval, sedu a citar, seguidos pelo respectivo amo também em toda a testou a citar, seguidos pelo respectivo amo também em toda a como a esposa pela mão. Emoldurado entre estes dois retratos, interpõe-se o quadro do natore interpõe-se o quadro do natore interpõe-se o quadro do natore bora de la proposição de la pr

tempos, com almocreves, mercadores de sardinha, barbeiros, garlinheiras, mendigos, pois não, o emoldurado dentro de uma correnteza de jumentos preseos às argolas das paredes e moldado por um friso de caudas a dara-a-dar. Segue-se um quarto clabeatuxa, agora rigorosamente de la composição de la

mais três ou quatro do mesmo tipo: o nome Delfim escrito no que o narrador, como epitáfio, sem mais do que a duração que a poeira consentisse, e a destro-cada inscrição romana entre o pó do largo, fajide de uma campa com vinte séculos de aban-pa com vinte séculos de la marcina de la mar

grandes como Portugal ou o Império Romano. O epitátio do capa efolitime secrito mo pó da capa efolitime secrito mo pó da capa efolitime secrito mo pó da capa tender ele, «Delfims, na capa duma linhagem já socialmente antiquada tal como Roma ficara quantima linhagem já socialmente antiquada tal como Roma ficara como da lingua inglesa como da lingua inglesa onde o machismo da gora um fenómeno puramente proletário e o marialvismo no sentido da proletarização da aristocracia deixou de existir há um controla de como de agora um fenómeno puramente proletário e o marialvismo no sentido da proletarização de como sentido da proletarização de monstra o grande triunfo de Cardoso Pires, cujo romance tem de comum com a melhor poesía o não ser reproduzível, ou a parafraseável em muitos termos que ha são próo grande poeta é saber explorar até esgotá-los os recursos da sua lingua, dizendo nela colassa que em menhuma outra se poderiam dizer. Penso que o exemplo superemo é Fernando Pessoa, que em menhuma outra se poderiam dizer. Genso que o cemplo superemo é Fernando Pessoa, que fináncia, cujo como da su própria sociedade, dizendo dela coisas que de nenhuma outra se poderiam dizer. É isso o que o José Cardoso Pires faz no se cursos da sua própria sociedade, dizendo dela coisas que en nenhuma outra se poderiam dizer. E isso o que o José Cardoso Pires faz no se cursos da sua própria sociedade, dizendo dela coisas que de nenhuma outra se poderiam dizer. E isso o que o José Cardoso Pires faz no se cursos da sua própria sociedade, dizendo dela coisas que funda de num gênero social não puramente linguistico. E o equivalente de um gânero social não puramente linguistico. E o equivalente de um gânero social não puramente linguistico. E o equivalente de nenhuma outra se poderiam dizer. E isso o que o José Cardoso Pires faz no se capace cordaria que a razão porque esse cordaria que a razão porque este nenhuma outra se poderiam dizer de mon de ma gama de ma propera como de se gente não poder se ma como de se gente não pode pode pode pode s



Camaradagem: Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e óscar Lopes. Palla e Carmo e Francisco Mata, que se vêem em segundo plano estão momentaneamente afastados do grupo.



O professor francês Arnaud Duchamps fala, com o maior interesse, de Cardoso Pires, Eugénio de Andrade e Manuel Cargaleiro, ouvido pelos dois últimos.



José Carlos de Vasconcelos e Adelino Tavares da Silva brindarão por quem? No outro plano, Eduardo Guerra Carneiro, Ernesto Melo e Castro, Maria Alberta Menéres e Fernando Lopes.



Durante o almoço o escritor Cardoso Pires conversa com os srs. governador civil e presidente da Câmara Municipal do Fundão e Dr. Albano de Oliveira.



Durante a actuação do grupo coral da Associação do Pessoal do Jornal do Fundão, dirigido por D. Lucília Figueira.

A obra de Cardoso Pires revela as grandes contradições da sociedade portuguesa

Vamos comemorar esta data, conversando acerca de três comprovincianos, que, como disse o nosso amigo António Paulouro, nós mal conhecemos — apesar de ocuparem lugar relevante na cultura do nosso País.

cultura do nosso Pais.

Não sel se por mim serei capaz de corresponder. E isto é uma tomada de conselência do homenagem que recusariam. Fariam bem. Lembro-me de um livro de Anatole France — uma das suas obras menos conhecidas e também das menores — em que em certa altura descreve dois irmãos em evolução, social dois real des compositos de la composição de la co

ta-las».

Por outro lado, não sei se saberei analisar exactamente toda a obra de Cardoso Pires porque evidentemente ela está inacabada. (...)

porque evidentemente ela está inacabada. (...)

Ora, o perigo dos balanços ainda em vidá é que se tornam ainda mais provisórios os nossos juizos do que normalmente são. Pode, todavia, tentar avaliar-se conjunto da obra—até já o fiz uma vez em estudos que abrangiam toda a sua obra Para aqueles que não sabem o que ela representa, recordarei «Os caminhos e Outros Contos» (1949 ou não, como diz o professor Reckert), «As Histórias de Amoro (1952) retirado da circulação — não faço comentários, Ancorados (1958) «A Cartilha do Marialva» (1960) «O Render dos Heróis» (1963) «O Render dos Heróis» para hesitar quanto uma razão para hesitar quanto tar apresentar-vos a obra de Jose Cardoso Pires.

Tratando-se, como se trata, de um confabulador inato, um con-

ao método de apresentar ou tentar apresentar-vos a obra de
José Cardoso Fires.

Tratando-se, coma so trata de
nos deveria contar-vos o enredo,
o entrecho das histórias. Mas tenho uma divida: é que o enredo.
só por si, e nem distingo, porque não queria entrar em proporte de la coma de la coma de la comso por si, e nem distingo, porque não queria entrar em prosu appendo de la coma de la composição de la la membra por la composição de la la na minha por la composição de la la na minha exposição dalar muito do «Delfirme e vi que já foi tratado muito bem pelo professor Reckert que, aliás, não foi totalmente justo porque algumas pessoa da fineram esmelo professor Reckert que, aliás, não foi totalmente justo porque algumas pessoa da fineram essante que é o «Romance e Semi- Desenvolvimento» (...)

AS PERSONAGENS

AS PERSONAGENS

Ora bem, outro tópico poderia ser o das personagens. E aqui já nos começamos a aproximar mais da sua relação ao papel, isto é, da tripla relação física e de la comparta del comparta de la comparta de la comparta del comparta de la comparta del la comparta de l

cia vem muito a propósito por-que, em relação às primeiras obras de José Cardoso Pires, podiamos dizer que o Jeitor, e o próprio autor, pouco sabiam so-bre as personagens, Sabiam ri-gorosamente o que elas disfiam e faziam. E, depois, embora a sua arte narrativa se tenha tor-nado muito mais dúctil, maletve, no entanto, nunca abandonu com-pletamente este processo ou esta posição em relação às suas per-sonagens, como tentarel dizer daqui a pouco.

O AMBIENTE

O AMBIENTE

Pensamos, a, seguir, no ambiente, que é fundamental na obra de José Cardoso Pires, como ma maior parte dos autores de adeia, de la corres de avias, casionalmente o dos meios pequeno-burgueses aldeias, das vilas, casionalmente o dos meios pequeno-burgueses das grandes cidades, mas, mais frequentemente, o dos campones-operários, A expressão camdoso Pires, expressão que ele proprio considera inexacta, mas que eu considero adequada à descrição que ele pretende expôr. O campones-operário é or trabalhador de uma agricultura rabalhador de uma agricultura adquire um perfil próximo do operário sem, no entanto, com ele se identificar. Trabalha nas fabricas, nos arredores da aldeia, em tarefas não especializadas, em tarefas não especializadas regressando ao fim da tarde à expressão significativa revela toda uma precoupação e

aldeia.
Esta expressão significativa
revela toda uma preocupação e
todo um programa. Para come-çar, é da articulação ou da char-neira entre camponês-operário,

solicito e um auxiliar precioso do leitor (temos, por conseguinte, tentar corresponder a esta solicitude en auxilio quanda an esta qui cito palavras dele-a preccupação documental, aliás legítima, de certas obras. Seria, antes, uma história de perfeito exemplo. Perfeito exemplo. Bem, cu não quero abusar das citações mas lembro que também Voltaire dizia cum livro só tem descuipa se nos cusina diguna cotada.

acscuipa se nos ensma aiguma cociotar.

Ora, são as personagens e as circunstáncias do livro, que são assim elementos típicos e caracteristicos recrados com o objectivo de um tom sentencioso e exemplar—Lumon palavras de exemplar—Lumon palavras de representa de la completa del completa de la completa de la completa del completa de la completa del completa de la completa del completa de la completa del completa del completa de la completa de la completa del completa del completa de la completa del completa del completa del comp

ses, dos outros escritores de todo o mundo, digamos. (....)

Há, pelo menos, um traço que tenho apurado: o sentido geral da sua obra parece ser, numa sintese diffeil de tirar — e como tal arriscada — o seguinte: a movimento, complexo, que, relativisticamente, serve de ponto de referência a tudo e a todos. Empreende a situação das figuras ou da posição por elas tomadas em relação a esse movimento, que pode e deves guizar-se, critos que ela representa. Retomando: tom, exemplos e tipos que ela representa todos tomas portados, o Autor diz que se trate de uma narração de sucessos inventados para instruir ou divertir. E aqui sublinho, se permitem, duas palavras: inventa-



mo tempo, tipos, tipos ideais, por exemplo. Guda é o tipo da rapariga intelectualizada, independente, emancipada. Naquela data, note-se. A emancipada da data, note-se. A emancipada de logé é muito diferente daquela. Por outro lado, o engenheiro do Leclíma é o tipo do sr. feudal, sobrevivente, e ainda com um Mas mais do que pessoas on tipos são ainda símbolos. Porque tanto Guida como o Engenheiro são símbolos de uma sociedade a ser condenada e ultrapassada pelo corpo social em evolução. Poderia agora citar mais Poderia agora citar mais Poderia agora citar mais entre de la composição de la composição de la composição de los de la composição de la defensição de la composição de l

JOSÉ PALLA E CARMO

campo - fábrica, agricultura - indústria, que se desenvolvem os
traços verdadeiramente mais
traços verdadeiramente mais
conferem em Portugal, sobretudo em Portugal, um valor multo
significativo.

Ora bem, o ambiente por seu
lado é localização. Localização
con en contractos, já ano unito
a aludir a ele, no universo de
confrontos de Jose Cardoso Pires, no mundo relativista de que
já me ocupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podegá me ocupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podesepacial. 181 de , no conjunto de
jám en cupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podesepacial. 181 de , no conjunto
ce jame coupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podejám en cupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podejám en cupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podejám en cupei, as pessous são-nos
apresentadas naquilo que podejám en cupeida de la companida de partida de partida de la contracta de partida de la conmento ou depocas diferente passobras de Cardoso Pires a apresentação quase simultanea do
passado distante, do passado
mais próximo e do presente.

Este traço resulta, quano
amin, tanto se pode diserente.

Este traço resulta, quano
min, tanto se pode de presente.

Este traço resulta, quano
en sulterária: o da
concepção do mundo ou da cosmovisão desse escritor. No primetro relance, temos realmenteco vos referi, das relações entre
a literatura e a vida real. Já há
pouco falámos nele. Não entrarel em pormenor. Seria tema,
não para uma conversa, mas par
a vários colores, que, aliás, euMas apenas digo: quem, em Cardoso Pires, como aliás em qualquer outro artista procure encontar a deserição pura e simples da realidade, que se desengame. (...)

NO CENTRO DO UNIVERSO DE CARDOSO PIRES

E els-nos, crelo eu, finalmente, no centro do universo peu-liar, tiploc, característico de Jo-sé Cardoso Pires, de que nos fomos gradualmente aproximan-do nesta viagem que vos pedi que emprendessem na minha companhia.

Narrador, na nota final de dispende de Job nos auxilia, solicitamente, como sem-pre, e voltarei a este ponto, o próprio autor é um guía muito

dos e instruir. Evidenciado tan-to o aspecto da criação ou re-criação da realidade, como tam-bém o do tal tom de perfeito exemplo que referi há pouco.

exemplo que referi há pouco.

No cDelfirms, e não me alongarei nas citações, encontramos também um parentesis muito revelador. A certa altura, o Autor, receta que considerem que está criando um mito ao aventa determinada hipótese e diz cum mito? Paciência, Assim-coda lista pessoal de inventos de verdades. Exacto. Inventor de verdades. Exacto. Inventor de verdades reals, manipulá-los e com eles criar uma nova realidade, esta agora literária.

Podemos, assim, dizer que

esta agora literária.

Podemos, assim, dizer que dentro das suas obras encontramos vários estratos ou niveis.
As personagens têm elas próprias a espessura suficiente ou mais que suficiente para, como tal, existirem. Mas são, ao mes-

AS GRANDES CONTRADI-ÇÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA

PORTAGOESA

Portanto, na sua essencia, a obra de Cardoso Pires revela as grandes contradições da sociedade portuguesa. Não parâmes anda, todavia, da nosas volta ao mundo da obra de Cardoso Pires. Ao reunir, sob o titulo de «Jogos de Azar» quase todos os contos dos seus dois primeiros volumes, assim se recuperam muicos contos das «Tistórias de que eu considero dos mais notá-veis da Literatura portuguesa— o «Romance com Data»— José Cardoso Pires ao reeditar esses contos, diz que essa reedição se

(CONTINUA NA 13.º PÁGINA)

ENTRELINHAS

Jaime

Todas as pessoas nascem.

E em algum sitio, evidentemente. Mas ai está: de quantas pessoas que conheço sei
eu onde nasceram? Por
exemplo: Eugénio de Androde, Cardoso Pires, Cargaleiboa? No Porto? Ora bem;
aproveitando o aniversário
as vei porto? Ora bem;
aproveitando o aniversário
as vei porto. Porto? Ora bem;
aproveitando o aniversário
as vei porto. Porto? Ora bem;
aproveitando o aniversário
as porto. Porto? Ora bem;
aproveitando o seniores por
enas de su su porto. Porto? Ora bem;
aproveitando o su niversário
as porto. Porto? Ora bem;
aproveitando o su niversário
as portos de su porto.

a porto porto. Porto? Ora bem;
aproveitando o su niversário
as como ignoramos
até que nasceram. Um caso,
até que nasceram. Um caso,
tirado dos mais recentes
quatro mil milhões de habitantes do nosos polneta; batantes do nosos polneta; batantes do nosos polneta; batantes do nosos polneta; batantes do nosos polneta; polneta,
polneta de su polneta;
bapolneta de su polneta de su polneta.

Beira Baixe. Somente?

Não: graças a uma espan-

tosa média-metragem que lá foi projectada, e que veremos proximamente em Lisba, ficiános também a saber que Jaime Fernandes trinta anos de internamento no Hospital Miguel Bombartinta anos de internamento no Hospital Miguel Bombartela de Monte, portanto? Decerto. Mas um poeta que escreta everso assim: «Animais como retratos de privama de manca. Vejam o filme. Ele nomo... Vejam o filme. Ele nacescr, cinco anos depois de ascer, cinco anos depois de ascer, prota como forma de privato de la filme de la quem temos de agradocer, portanto, dois (re) nascimentos: o de Jaime Fernandes e o seu próprio. Que felicidade!

AUGUSTO ABELAIRA («O Século»)



Armando Vidai pediu uma pose e focou; da esquerda para a direita
— Stephen Reckert, senhora de Reckert, Oscar Lopes, Eugénio
de Andrade, José Cardoso Pires, António Paulouro, Egidio Namorado e João José Cochofel.



O Prof. Stephen Reckert e sua mulher ouvem, visivelmente inte-ressados, Manuel Cargaleiro. Ao lado o Eng. Manuel Garrett e ao fundo, de costas, o Dr. Ruella Ramos.



A viúva e os filhos de Jaime Fernandes assistiram à projecção de éJaimes e depois ao almoço. Antônio Reis fala com a éta Angelinas e uma das filhas. Margarida Reis, (à direita), a médica que deu pelo valor artistico de Jaime Fernandes fícou ligada por uma grande amizade à familia deste.



Dois críticos e um artista: Adelino Gomes, de costas, e Correia da Fonseca «interpelam» Carlos Paredes.



Um grupo em que se distinguem Manuel Cargaleiro, Cardoso Pires e Lúcis Naporede

Maria de Lurdes Bártolo:

A OBRA DE MANUEL CARGALEIRO

E sempre ingrato e ali-ciante esta tarefa de vir aqui para falar, quase de impro-viso, de um artista nascido em terras da Beira. O pin-tor ceramista Manuel Car-galeiro.

guerro.

E digo tarefa ingrata, pois sobre a figura do artista se debruçam já tantas e tão qualificadas pessoas para the estudarene e analisarem a obra que facilmente se corre o risco duma repetição fastidiosa.

obra que facilmente se corre
o risco duma repetição fastidiosa.

Mas, por outro lado, penso que vale a pena correso que vale a pena correso que vale a pena correto que vale a pena correto de personolidade de Manuel Cargaleiro.

É então que a tareja se
torna verdadeiramente aliciante, pois que nada poderá
sibilidade do que ser-nos do
descobrir a figura do artista, acompanhá-lo nos cominhos vários e dificeis da
sua obra e tentar desvendarmismo a companhá-lo nos cominhos vários e dificeis da
sua obra e tentar desvendarmismo a companhá-lo nos comismo a companhá-lo nos cominhos vários e dificeis da
sua obra e tentar desvendarmismo a companhá-lo nos comismo a companhá-lo nos comismo a companhá-lo nos cotentar de Receivado, depois em frente de Lisboa, onde se refugia quando
as margens do Tejo, primeiro em Vila Velha de Rodio, depois em frente de Lisboa, onde se refugia quando
as meritado a Fascola Superior de Belas Artes
as refuelade de Celenícias e a Escola Superior de Belas Artes
quis anos ao Ensiso, Manuel Cargaleiro, com pouco
mis de vinte anos, expôe
pela primeira vez no I Salado de Cerdanica Modernadio. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do. Um ano depois, ele vai
realizar as suas primeiros
do con forma de de derealizar as suas primeiros
do con forma de derealizar as suas primeiros
do con forma de derealizar as suas primeiros
do con forma de dedo con dedo

po, a pintar quadros que só virá a expor em 1953, no 1. Salão de Arte Abstracta, levado a efeito na Galeria de Março, em Lisboa.

Este Salão de Arte Abstracta é a repercussão, em Portugal, de movimentos de Artistas não-fipurativos do Após-Guerra, que se assinarista para en la composição de la c

alids, em tantos outros paises.

Surgiu, então, um notávei grupo de artistas que, dentro das mesmas correntes estéticas realizaram obras também notáveis que, acompanhando embora as linhas da corrente geral, contudo, a um certo carácter e esperito da arte portuguesa. No caso concreto de Manuel Cargaleiro, apercebraneiras obras, da constante presença de elementos do presença de elementos do aportuguesa. Desde muito da portuguesa Desde muito da portuguesa Desde muito da cerdancia portuguesa, de tão importante e hunda tradição na nosas arte. Este facto, tiri encleta rea propria obra, através dos anos, nas diversas fases da sua actividade artística. Ao partir, pois, para a Itália, de Alta Costura, Manuel de Alta Costura, Manuel de Alta Costura, Manuel de no conhecimento da sensibilidade apurada na visão e no conhecimento da

arte portuguesa, que munca perdeu na busca do trilho de novos caminhos.

As suas viagens e a sua permanência em França virão permitir-lhe um amplo conhecimento das correntes estéticas e o convivio com grandes artistas, de quem nheiro como Delaunet e Vieira da Silva, Bazaine e outros.

Dessa camaradagem ha-

Vieira da Silva, Bazaine e outros.

Dessa camaradagem havia de Manuel Cargaleiro recolher uma experiencia, embora sem unaca perder esconer una esta profundamente imbuida. O estudo que len emerceu a obra de Paul Klee, quando da sua estadia na Suiça, e um contacto mais directo com as obras de De La Robia, Ciotto, dudado de considera de periode de la Robia, con la compara e entripuerimento e a formação artistica do artiste a e pintor e terão influenciado muito a sua obra pelos valisose ensimamentos que já continham.

De todo este conjunto, de

que já continham.

De todo este conjunto, de todo este conjunto de circunstáncias, poderemos encontrar na sua vida artistica, fases e periodos directos bem diferenciados. No entanto, parece ser a partide de 1865, que se nota uma viragem decisiva deutro de definido.

definido.

O artista como que regressa a uma experiência
passada depois de muitos e
arrojados ensaios. É esse
arrojados ensaios. É esse
arrojados ensaios. É esse
carojados en momento priciso em que, por contraste,
quer em Portugal, quer en
oestrangeiro, se verifica num
um uit usos aparecimento
das correntes mais desencontradas nes artes.



A partir principalmente da década de 60 surgem inúmeras experiências estéticas antagónicas e em relação às quais não é possibicas en contra está de compara e como contra está de compara e como contra está de compara e como contra en compara e com

Palayras de **José Cardoso Pires**

Um programa assim, de informação act. Pagina)
recusa à partida o isolamento conformado a que se
votava até então a imprensa regional. E aqui, na Cova
da Beira, o módulo difícil começa a ganhar corpo e
expansão até atingir as dimensões e o prestigio que
se lhe reconhece à escala nacional.

Mas para além de informar o Jornal interroga, culmas para atem de informar o *Jornat* interroga, cui-tiva a Opinião — e esse é outro atributo que não tar-dará a ser seguido pela jovem imprensa regional. Opi-nião ao nível dos acontecimentos domésticos e inter-nacionais, promoção e debate de ideias e expressões

de arte.

Neste último sector todos nós conhecemos — e a prova é que estamos aqui — o impacto do Jornal do Fundão e qual o seu contributo palpável efectivo à cultura portuguesa. Não vou desfiar, longe de mim, os nomes de escritores de primeira grandeza que nele têm colaborado, nem pormenorizar empreendimentos editoriais, concertos que promoveu, prémios de jornalismo, sessões de convivio, espectáculos, sei lá. Apavoram-me os relatórios de elogio e as efemérides de magnas sessões. Em todo o caso não resisto a lembrar que foi neste Jornal que João Cabral de Melo Neto se veio encontrar pela primeira vez com alguns dos seus camaradas portugueses. E que igualmente aqui um outro escritor, Alves Redol, meu amigo, teve a última intervenção pública da sua vida.

Pois. Estamos aqui a festejar um jornal e natural-

Pois. Estamos aqui a festejar um jornal e naturalrols. Estantos aqui a lestegat in forma mente quemo idealizou e pratica — redactores, operários, colaboradores e todos nós, seus leitores. Evitámos o adjectivo, o ornato em caixa alta.

o adjectivo, o ornato em caixa aita.

Mas quer queiramos, quer não, pensamos no que há de vida e paixão em 28 anos de jornalista, o oficio de quotidiano mais sofrido e mais calado de todos os ofícios das letras. Pensamos, claro está, em António Paulouro que tão prodigamente quis evitar a primeira-pessoa-que-ele-é aqui e nesta data. Com a sobriedade que me é possível, faço por lhe corresponder à intencias discrade para cão dizendo-lhe

Obrigado

mas acrescentando

António Paulouro.

Imprensa que se Fez representar Além do «Diário de Lisboa» e da «República», já referidos, fizeram-se representar: «O Séculos pelos seus reductores Francisco Mata e Adelino Tavares da Silva. «Seara Nova» pelo seu reductor Adelino Gomes. «Expresso» pela sua reductora Isabel Validares. «Cinéfilo» pelo seu director Fernando Lopes. «Cinéfilo» pelo seu director Fernando Lopes. «Opiniño» pelo seu colaborador Dr. Oscar Lopes. «Bleira Baixa» pelo seu director Eng. Almeida Garrett. «Notícias da Covilhã» pelo seu director Dr. Mendes Fernandes e pelo chefe de redaçõa rev. padre dosé de Almeida Geraldes. «Reconquista» pelo seu director rev. padre Joaquim

«Reconquista» pelo seu director rev. padre Joaquim

Quem veio

Do Fundão havia muita gente. Embora se registassem faltas imperdoáveis (para alguns doutores, para alguns professores (1) para certos que se dizem interessados na professores (1) para certos que se dizem interessados na professores (1) para certos que lhes falará de colsas mais importantes).

Vieram, da Covilhã, de Castelo Branco, do Toriosendo, muitas pessoas.

E de mais longe, (Lisboa e Porto):

Escritores Arnaldo Saraiva, Artur Portela Filho, Assis Pacheco, Augusto Abelaira, Carlos Forto, Eduardo Prado Carlos Alvim, João José Cochorel, José Carlos de Vascon-celos, Mário Castrim, Matilde Rosa Aradio, Mendes de Carvalho, Maria Alberta Menéres.

Jornalistas Adelino Tavares da Silva, Albertino Antunes, Edite Soeiro, Eduardo Guerra Carneiro, Francisco Mata, Isabel Valadares, José de Sousa, Rogeiro Carapilha.

Cincastas António Reís e Fernando Lopes.

Cincastas António Reís e Fernando Lopes.

Ciritos Alice Vieira e Correia da Fonseca.

Eng. Francisco Brás de Oliveira, administrador de O Séculos.

José Rabaça.

Eng. Samuel Torres de Carvalho (SAM).

Eng. Fernando José Saraiva.

Isabel Terro, Dr. Zeferino de Oliveira, Dr. Carlos Martins de Albura.

Sónia Fanzares, Prof. Doutor Alberto Serra de Castro, Prof. Doutor José Nazino de Campos, António Lourenço Marques, etc.

Muitos dos convidados faziam-se acompanhar de suas esposas.